

A noção de solidariedade de Rorty na *graphic novel* *X-men: deus ama, o homem mata*.

Rorty's notion of solidarity in graphic novel X-men: God loves, man kills

Heraldo Aparecido Silva¹
Márcio Henrique de Matos Sousa²

Resumo: O presente artigo faz uma análise da *graphic novel* *X-men: Deus ama, o homem mata* (EUA/1982; Brasil/1988). Com o roteiro de Christopher Claremont e arte de Brent Anderson, a história em quadrinhos (HQ) aborda o conflito gerado pela não aceitação dos mutantes por outros seres humanos e como essa rejeição gera consequências para sociedade. Inicialmente, a noção de solidariedade do filósofo Richard Rorty é descrita. Depois, algumas definições acerca da origem e estruturação dos quadrinhos são apresentadas. Em seguida, os conceitos de herói, super-herói e mutante são discutidos. Posteriormente, analisamos a referida história em quadrinhos e relacionamos com a noção filosófica de solidariedade. A análise enfatiza, através da noção de solidariedade do neopragmatista Richard Rorty, que uma representação da realidade através da ficção, pode servir para estimular a reflexão sobre o ato de se importar com o próximo, a partir da analogia de situações vivenciadas por humanos e mutantes.

Palavras-chave: Quadrinhos. Solidariedade. Filosofia. Neopragmatismo. Márcio Henrique de Matos Sousa

Abstract: This article analyzes the *graphic novel* *X-men: God Loves, Man Kills* (USA / 1982; Brazil / 1988). With the script by Christopher Claremont and Brent Anderson's art, the comic strip (HQ) addresses the conflict generated by the non-acceptance of mutants by other humans and how this rejection has consequences for society. Initially, the notion of solidarity by the philosopher Richard Rorty is described. Then, some definitions about the origin and structure of the comics are presented. Then the concepts of hero, superhero and mutant are discussed. Later, we analyze the comic strip and relate to the philosophical notion of solidarity. The analysis emphasizes, through the notion of solidarity of the neopragmatist Richard Rorty, that a representation of reality through the fiction, can serve to stimulate the reflection on the act of caring for the neighbor, from the analogy of situations experienced by humans and mutants.

Keywords: Comics. Solidarity. Philosophy. Neopragmatism.

Introdução

O objetivo desse artigo é fazer uma análise da *graphic novel* "*X-men: Deus ama, o homem mata*", originalmente publicada nos EUA no ano de 1982 e no Brasil em 1988. A escolha dessa *graphic novel* se deve pelo fato de a mesma oferecer subsídios temáticos interessantes para fomentar uma posterior discussão em torno da noção filosófica de solidariedade. Tal concepção foi proposta pelo filósofo neopragmatista norte-americano Richard Rorty (1931-2007).

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Associado da UFPI. Departamento de Fundamentos da Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPI. Email: heraldokf@yahoo.com.br

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista de Iniciação Científica Voluntária (ICV/UFPI) Email: henriquem7@hotmail.com

Em linhas gerais, pretendemos descrever alguns dos principais aspectos constituintes de uma história em quadrinhos (HQ) e, nesse contexto, destacar as características, respectivamente, do herói, do super-herói e dos mutantes, visto que os protagonistas da *graphic novel*, se enquadram nesse gênero.

Como pretendemos evidenciar aqui, a partir da análise de “*X-men: Deus ama, o homem mata*”, o destaque conferido por Rorty ao gênero narrativo para fins solidários, pode ser ilustrado com bastante propriedade pelas histórias em quadrinhos em geral, mas particularmente, pelas *graphic novels*, em virtude de sua própria concepção original no âmbito da nona arte.

1 A noção de solidariedade em Rorty

Rorty (2007) explica que, além da antiga tensão entre o público e o privado, as pessoas estariam propensas a encenar papéis pré-estabelecidos na sociedade, mesmo quando se libertam da teologia e da metafísica. Para ele, dois tipos de pensadores historicistas contribuíram para essa libertação. Há os historicistas que se destacam pelo predomínio do desejo de autocriação; de se recriar ou reconstruir uma identidade: uma autonomia privada, como por exemplo, filósofos como Heidegger e Foucault. E tem os historicistas nos quais predomina o desejo de uma sociedade mais justa e livre, como os filósofos Dewey e Habermas, mas continuam inclinados para o desejo de perfeição privada; uma vida autocriada e autônoma.

Como alternativa, surge a figura do ironista liberal. Liberal segundo a definição de Judith Shklar são as pessoas que veem a crueldade como a pior coisa feita pelo ser humano. Enquanto Ironista é quem enfrenta a contingência de seus desejos e convicções. Então, Ironista Liberal é quem nutre em sua esperança a diminuição do sofrimento, de que cesse a humilhação do ser humano por seus semelhantes (RORTY, 2007).

Os ironistas liberais são pessoas que incluem entre esses desejos, impossíveis de fundamentar, sua própria esperança de que o sofrimento diminua, de que a humilhação dos seres humanos por outros seres humanos possa cessar (RORTY, 2007, p. 19).

Rorty (2007) sugere a possibilidade de uma utopia liberal, onde a solidariedade seria vista não como um fato reconhecido, mas um objetivo a ser alcançado, e sua origem não vem através da reflexão, é criada a partir do aumento da nossa sensibilidade à dor e humilhação, mesmo que de pessoas não familiares, a imaginação amplia a capacidade de perceber o sofrimento alheio e nos colocarmos no lugar do outro.

De acordo com Rorty (2007, p. 32) “[...] no fim do século XVIII foi que qualquer coisa podia ser levada a parecer boa ou má, importante ou sem importância, útil ou inútil, ao ser redescrita”. Nessa perspectiva, ao invés da teoria relatar a descrição desse processo, essa função de redescrição do indivíduo, de quem nós podemos vir a ser mudaria: “Essa não é uma tarefa para teoria é dada, mas para os gêneros como Etnografia, a reportagem jornalística, o livro de história em quadrinhos, o documentário dramatizado e, em especial, o romance” (RORTY, 2007, p.20).

Essa contingência da linguagem sustenta que assim como as mudanças históricas, as relações sociais poderiam ser modificadas de um dia pro outro, pois a verdade (de qualquer tipo) não é descoberta

e sim produzida mediante a criação e uso de novas linguagens (vocabulários). Nessa perspectiva, a filosofia pragmatista explica a herança deixada pelos revolucionários franceses, assim como dos poetas românticos, como a possibilidade de uma redescrição que pode influenciar transformações institucionais e individuais mediante novas possibilidades e usos do vocabulário.

As palavras usadas pelo ser humano no seu processo de socialização durante a vida são chamadas de vocabulário final, e por meio de um conjunto de palavras o indivíduo justifica seus atos e crenças. Para Rorty (2007, p. 133): “São as palavras com que narramos, ora com caráter prospectivo, ora retrospectivamente, a história de nossa vida. Chamo a essas palavras de o 'vocabulário final' de uma pessoa. Nesse sentido, o ironista liberal é o indivíduo que percebe sua incerteza sobre o próprio vocabulário, tanto pela influência de outros vocabulários, como por acreditar que seu vocabulário não seja suficiente para responder sobre as suas dúvidas.

A noção de contingência da identidade explora a necessidade de construção de uma identidade, pois a partir do momento que o vocabulário passa por uma mudança, é possível a criação de um novo ser humano. A identidade do sujeito é manifestada pela autocriação, logo há mudança de linguagem, colaborando para a redescrição do indivíduo e sua singularidade. Já a noção e contingência de uma comunidade liberal, trata sobre as reflexões morais e políticas acerca da sociedade a partir da proposição de uma redescrição do vocabulário tradicional a partir do entendimento atual e provisório de progresso moral. Para o filósofo alemão Kant, só é possível existir progresso moral quando a ação do indivíduo é regida pela razão, uma vez que se o homem carrega em sua natureza uma propensão para o mal; e é por meio da racionalidade que o homem conscientemente vai desenvolver regras de conduta, visando o bem da comunidade (RORTY, 2007).

Por sua vez, contra essa concepção essencialista, temos a proposta da noção de solidariedade, segundo aquilo que todos compartilhamos é a capacidade de, individualmente, nos compadecer com a humilhação e o sofrimento alheio. E quando há indiferença em relação ao outro, tanto na literatura como na vida real, os personagens cruéis são considerados desumanos. Assim, como a insensibilidade não é vista como a falta de algo da essência em comum, nossa obrigação moral de ajudar o próximo, não é equivalente ao sentido kantiano de dever moral por supostamente termos algo essencial em comum. Ao contrário, trata-se de uma obrigação moral sem pretensões universalistas, pois não tenta identificar algo como uma humanidade essencial, que seria transcendente em relação a todo ser humano particular e independente de suas diferenças tradicionais (língua, nacionalidade, cultura e etc.); porém, levando em conta as semelhanças em relação à dor e a humilhação, em que pessoas quase totalmente diferentes de nós, passam da posição de “eles” para “nós”(RORTY, 2007).

Nessa perspectiva, uma das principais contribuições de Rorty foi a possibilidade de utilizar a filosofia dentro da narrativa e, assim, estimular a capacidade imaginativa do indivíduo de refletir sobre situações reais dentro da ficção. Logo, as narrativas abordam temas diversos como violência, solidariedade, preconceito, etc.; de modo que, mesmo que por meio do elemento fantasioso, nos traz exemplos daquilo que pode acontecer com qualquer pessoa dentro da sociedade.

2 Origem e estruturação das Histórias Quadrinhos

A origem das histórias em quadrinhos, assim como sua estruturação e evolução, pode ser relacionada com diversos momentos históricos, que influenciaram diretamente as transformações dentro das sociedades. O início das HQs dá com as primeiras formas de comunicação antes da escrita, através de desenhos nas paredes das cavernas (pinturas rupestres), em utensílios de artesanatos: vasos, recipientes, tapetes, cerâmicas, barras de argila, até a invenção do papel e da imprensa (MOYA, 1994).

Por incrível que pareça, as origens das HQs estão justamente no início da civilização, onde as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelam a preocupação de narrar acontecimentos através de desenhos sucessivos [...] para registrar a história por meio de sequências de imagens. (LUYTEN, 1985, p.16).

Antes de se tornarem populares, as histórias em quadrinhos não eram bem vistas por pais e professores, havia um discurso em relação a esse tipo de leitura, como conteúdo de má influência, por conter ideologias e críticas sociais. Ou seja, as HQs foram usadas como meio de divulgação de ideias políticas durante as guerras pelos governos de países em conflito, registrando diversos acontecimentos do século XX. Somente a partir da década de 1990 com a promulgação das Leis de Diretrizes e Bases, foi que houve uma mudança na visão equivocada e preconceituosa em relação as HQs, que foram inseridas como outras linguagens e manifestações artísticas, no ensino médio e fundamental (VERGUEIRO, RAMOS, 2009).

O marco inicial foi o primeiro quadrinho norte – americano no ano de 1986, gênero humor, do autor Richard Felton Outcault, no Jornal *New York World*. Já no Brasil, com a editora Abril, maior da América Latina no período, teve início e consolidação com a impressão das revistas do Pato Donald. Com o tempo as HQs melhoraram na sua qualidade de produção, material e cores, à medida que as inovações tecnológicas iam surgindo, e em cada país, a HQ ficou conhecida por um nome que a caracterizava, por exemplo, no Brasil: Gibi (significava moleque) e eram revistas em formato pequeno; na América espanhola: *historieta*; na Itália: *fumetti* (fumacinhas em analogia aos balões de fala); na língua inglesa: *comics*; Portugal: *histórias aos quadrados*; e Mangá no Japão (MOYA, 1994).

Os quadrinhos se tornaram uma política educacional no país, inseridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – Referencial de qualidade para a educação no ensino fundamental) e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE – Programa responsável por fornecer obras e materiais de apoio no ensino público das redes federal, estadual, municipal e do distrito federal na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e Adultos – EJA). A utilização das HQs no ambiente escolar tem por objetivo compreender a linguagem (Língua portuguesa), desenvolver a leitura (interpretação de texto) e auxiliar no entendimento de outras disciplinas (interdisciplinaridade) através de seus recursos e obras.

Com o PNBE de 2006, houve um movimento para a inclusão dos quadrinhos na área de ensino, citado entre os gêneros literários listados: (poesia, conto, crônica, romance e etc.), sendo nesse período várias obras clássicas da literatura universal, adaptadas para o gênero literatura em quadrinhos. No PNBE de 2008 nas obras direcionadas ao ensino infantil, não teve títulos de quadrinhos entre as 60

obras listadas, e do ensino fundamental apenas 7 de 100 obras. Já no PNBE de 2009 apesar do interesse maior ainda ser na aquisição de títulos literários, os quadrinhos na interpretação do Governo Federal é tido como gênero literário, sem necessariamente ter que ser adaptado, podendo migrar também para o Ensino Médio (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

De acordo com o diagnóstico elaborado pelo PNBE, os critérios para seleção de histórias em quadrinhos, feito por pesquisadores na área de teoria e ensino literário e técnicos do MEC, precisam ser revistos, tanto nos livros como nas histórias em quadrinhos, fazer uma relação entre texto e imagem, além do tratamento estético na leitura das narrativas visuais. Uma vez que os quadrinhos são uma arte autônoma, assim como o cinema, dança pintura, literatura e etc. Assim os quadrinhos constituíram seus recursos próprios de linguagem (VERGUEIRO; SANTOS, 2015).

Os primeiros espaços dos quadrinhos seriam em jornais, em formato de tirinhas nos suplementos dominicais, e posteriormente nas páginas semanais, fazendo parte do cotidiano dos leitores, sendo nesse momento mais acessível. Uma forma que os editores encontraram para aumentar as tiragens foi através dos *syndicates*. Os *syndicates* eram agências que compravam direitos de cartunistas para distribuir os trabalhos deles, determinando os conteúdos e padrões das tirinhas, de acordo com os valores morais de cada país onde seriam publicadas (LUYTEN, 1985).

A estrutura das HQs é composta por dois códigos: a imagem e a escrita, expressando a linguagem visual e verbal, dessa forma trabalha com o desenho e a literatura, tendo como característica marcante os balões de fala, que podem ter outras funções como pensamento, sonho, medo etc. A respeito disso, Luyten (1985, p.12) elucida que: “O balão é a marca registrada dos quadrinhos... expressando emoções diversas (surpresa, ódio, alegria, medo entre outros), que acompanham tipologicamente participando também da imagem.”

Dependendo do que a personagem quer transmitir para o leitor, o balão irá mudar sua forma, como por exemplo:

Partindo-se do balão fala, podemos encontrar o balão trêmulo (medo), balão-transmissão (para transmitir som de aparelhos elétricos ou eletrônicos), balão-desprezo, balão uníssono (mostrando a fala única de diversos personagens), balão mudo e dezenas de formações diversas.” (LUYTEN, 1985, p. 12).

Desse modo, os balões garantiram as histórias uma independência em relação ao narrador e as notas de rodapé, além de economizar expressões explicativas e espaço dentro do quadrinho.

A expressão *graphic novel* é usada para designar um tipo de quadrinhos que se destaca pela abordagem mais séria e com temáticas realistas. O termo se popularizou no final dos anos de 1970, como uma tentativa de se diferenciar do tipo de quadrinhos que priorizava o entretenimento. Como um novo tipo de publicação editorial, as *graphic novels* investiam na concepção de quadrinhos como uma forma autônoma de arte e literatura para adultos (MAZUR; DANNER, 2014).

3 Definição de Herói e Super-Herói

A definição inicial de herói é uma derivação do grego antigo e significa “homem com qualidades magnânimas; semideus” (LOEB, 2009, p. 24). Um exemplo de herói é Hércules, filho de Zeus (deus do trovão e líder dos deuses do olimpo), com a humana Alcmena, neta de outro herói da mitologia grega, Perseu. Conhecido por decapitar a criatura Medusa. Hércules ficou conhecido também na literatura ocidental por suas aventuras, ajudando pessoas e eliminando criaturas monstruosas que habitavam a terra.

Enquanto o super-herói seria uma pessoa que fora as vestimentas e a maneira como é chamado, possui poderes e/ou habilidades, que vão muito além do alcance de mortais. Ou seja, quanto mais poderoso é o indivíduo, menos risco de morte sofrerá em um combate contra o mal (LOEB; MORRIS, 2009).

E entre vários super-heróis, o principal exemplo seria o Superman. Criado segundo os valores e tradições de uma família tradicional americana, Clark Kent através de seu senso de moralidade, utilizava de sua força e habilidades sobre-humanas, para ajudar qualquer ser que tivesse em situação de perigo.

O super-herói personifica sentimentos que também afligem qualquer cidadão, como o medo e a esperança, por exemplo, e como lidar com esses sentimentos em relação aos seus poderes. E é através da vida desses personagens, que as pessoas vão se inspirar, procurando uma direção, um sentido para as vidas delas mesmas.

Morris (2009) define que uma das características do super-herói é utilizar a força do bem, para combater o mal, buscando a justiça em defesa dos oprimidos, procurando seu bem-estar no bem de todos, ajudando os indefesos, no entanto a característica básica entre o conceito de herói e super-herói seria que o herói mesmo podendo lutar em defesa de um oprimido, está muito mais vulnerável e exposto por não possuir nenhum poder, e caso falhe em sua ação, colocará em risco sua vida e a da vítima.

Um dos significados de herói, além de semideus, pessoa extraordinária por seus feitos guerreiros, é homem admirável por feitos e qualidades nobres.

Há muitos heróis nas obras de ficção e no mundo real que não possuem superpoderes. Os heróis que vivem e trabalham à nossa volta todos os dias incluem bombeiros, policiais, médicos, enfermeiros e professores. Eles são os guerreiros da vida diária cujos sacrifícios e atos nobres beneficiam a todos nós. Mas não costumamos pensar nessas pessoas como heróis (LOEB, 2009, p.25).

Por se tratar de funções tão comuns do cotidiano, as atividades dessas pessoas são vistas como algo normal e que eles se sentem bem por fazerem o que fazem, por satisfação pessoal e não pelo bem do coletivo. E a maioria das vezes esses profissionais são tidos como heróis somente quando vão além dos seus limites normais, em uma atitude dramática de arriscar sua vida em prol do outro. (LOEBE, 2009).

Para Loebe (2009) o super-herói é um herói com poderes e/ou habilidades sobre-humanas, que se desenvolveram e chegaram ao nível de super-humano. Ou seja, esses personagens passam por problemas e dificuldades em suas vidas, assim como qualquer pessoa, então procuram manter um equilíbrio voltando suas ações para o bem e pelo nobre. Logo nem toda pessoa fantasiada que combate o mal pode ser considerada herói, assim como nem todo indivíduo com superpoderes seria um super-herói.

Os valores morais seriam responsáveis por formar o caráter de ambos, fazendo com que os mesmos trabalhem em prol do bem comum, tanto para quem admira sua imagem, como para quem o critica. O que complementa o conselho do filósofo Sêneca: “Escolha para si um herói moral cuja vida, conversa e rosto expressivo lhe agradem; então imagine-o o tempo todo como seu protetor, seu padrão ético. Todos nós precisamos de alguém cujo exemplo possa nortear nosso caráter” (MORRIS, 2009, p. 30).

4 Origem e poderes dos *X-men*

Os *X-men* surgiram em 1963, quando a editora norte-americana Marvel Comics lançou a revista *The X-men*, abordando a temática super-heróis, criação do editor e roteirista Stan Lee, com a colaboração de alguns desenhistas, principalmente Jack Kirby (MARTINS, CARVALHO, 1985).

Mutante é aquele que sofre uma mutação genética, ou seja, um gene sofre mudança estrutural na fita de DNA, transmitindo características que podem afetar tanto o genótipo (gene) como o fenótipo (físico) do indivíduo. No caso dos *X-men*, todo ser humano teria um gene conhecido como gene X, e quem manifesta tal gene, apresenta algum tipo de poder. Geralmente esses poderes ficam em estado latente, se manifestando durante a puberdade e/ou em alguma situação de perigo, ameaça e/ou stress enfrentada pelo mutante.

Uma vez que essas habilidades eram expostas para outras pessoas, esses mutantes eram vistos por muitos como aberrações, resultando em um sentimento de não aceitação pela família e às vezes pelo próprio indivíduo, além de discriminação por parte da sociedade pelo fato de serem diferentes, e alguns desses mutantes por revolta e não suportando o preconceito, acabaram tendendo para o mal, e outros pra bem.

Esses que tenderam para o bem formaram a equipe dos *X-mens*, jovens recrutados pelo professor Charles Francis Xavier (que também possui habilidades especiais, poderes psíquicos), para combaterem as forças mutantes que ameaçam a terra.

Charles cria uma escola para recrutar jovens mutantes com o intuito de os ensinarem a controlar seus poderes e se aceitarem como são, alguns depois seguiam suas vidas normalmente, outros escolhiam fazer parte da equipe dos *X-mens*.

Os mutantes não são uma raça biológica, pois a sua reprodução não está restrita aos seus semelhantes, mas também com humanos. Essas características enquadram os *X-men* em universo particular, X-verso:

O X-verso é único em representar superpoderes resultantes de um processo biológico natural, a mutação. Outros super-heróis populares desenvolvem seus poderes após algum acidente ou graças ao uso de certas tecnologias especiais. Por exemplo, os Quatros Fantásticos foram expostos aos raios cósmicos, e o Homem-Aranha foi picado por uma aranha radioativa. (...) A mutação que dá aos *X-men* seus poderes não é, porém, no sentido estrito, o resultado de um mecanismo evolucionário. Ela é a concretização de um potencial que estava dormente no genoma humano (TESCHNER, 2009, p. 213).

Em linhas gerais, os principais personagens da *graphic novel* que será analisada a posteriormente são alguns mutantes membros da equipe de super-heróis *X-men*. A origem e os poderes dos protagonistas são brevemente descritos na sequência (BEAZLEY; YOUNGQUIST; BRADY, 2005).

Lince Negra (ou Ariel): É o codinome de Kitty Pride. Americana, cresceu no subúrbio em Deerfield, no estado de Illinois, foi aos 13 anos que manifestou seus poderes, e assim descobriu que era mutante. Poderes: Conseguir atravessar objetos sólidos entre os átomos, caminhar no ar, e danificar aparelhos elétricos.

Professor X: Charles Xavier é americano, de Nova York. Vivenciou o surgimento de seus poderes ainda na juventude, Charles é defensor da convivência pacífica entre os humanos e os mutantes. Poderes: Telepatia e Projeção astral.

Noturno: Kurt Wagner nasceu na região alemã da Baviera. Foi abandonado pela mãe e descoberto por uma cigana e criado num circo, onde foi criado sem preconceito e desenvolveu suas habilidades. Poderes: Teletransporte, Acrobata, Cauda preênsil e invisibilidade limitada.

Ciclope: Scott Summers é de Los Angeles, na Califórnia. Perdeu os pais num acidente aéreo. Descobriu seus poderes na adolescência, foi acolhido pelo professor Xavier, tornando-o primeiro membro dos *X-men*. Poderes: Rajadas ópticas de força.

Wolverine: James Howlett (Logan) nasceu em Alberta, Canadá, numa família privilegiada e de boa condição financeira. Ao presenciar o assassinato do pai por um funcionário, James manifesta seus dons mutantes e garras de osso que saem do dorso. Poderes: Sentidos aguçados como um animal, fator de cura acelerado, garras e esqueleto repleto de adamantium, um metal (fictício) ultra resistente.

Tempestade: Ororo Munroe é do Quênia, na África. Teve os pais mortos numa explosão de bomba após se mudarem para a cidade do Cairo, no Egito. Órfã foi criada por um ladrão líder de um bando. Ao descobrir seus poderes na adolescência, é recrutada pelo professor Xavier que a convence usar seus poderes para o bem. Poderes: Controle do Clima e voo.

Colossus: Piotr Rasputin foi criado numa fazenda na Rússia, na época da antiga União Soviética, foi visto com preconceito pelos moradores depois que manifestou seus poderes. Teve sua entrada nos *X-men* ao conhecer e ajudar o professor Xavier. Poderes: Transmutação em aço orgânico, super-força, resistência sobre-humana.

Magneto: Eric Magnus possui origem Judaica, passou sua juventude no campo de concentração em Auschwitz na Polônia, único sobrevivente de sua família, depois da 2ª Guerra Mundial conheceu e se tornou amigo de Xavier. Poderes: Mestre do magnetismo, habilidoso estrategista. Na história em quadrinhos que analisaremos em seguida, Magneto não integra a equipe dos *X-men*.

5 A *graphic novel* *Deus Ama, o Homem Mata*

Durante os anos de 1970 e 1980, a população negra nos EUA ainda sofria com os resquícios de movimentos racistas, criados após o final da guerra civil americana no século XIX, período em que negros afro-americanos das colônias do sul dos estados unidos recém-libertados, foram impedidos de exercerem

seus direitos sociais (adquirir terras e votar, por exemplo), por movimentos que defendiam ideais extremistas e de extermínio, perseguindo com o intuito de eliminar, segregar e impedir a ascensão do negro, movimentos cujas ações eram justificadas pelo ideal de “purificação” da população americana.

Baseado nesse contexto se inicia a *graphic novel*, já no século XX exatamente durante o ano de 1982, quando duas crianças negras, Mark de 11 anos e Jill de 9 anos, são perseguidas por purificadores durante a noite, executadas e presas às correntes do balanço no *playground* da Escola Elementar de Westport no estado de Connecticut, sendo identificadas somente pela manhã.

Porém os corpos das crianças são descobertos pelo mutante Magneto (Erik Magnus) que se culpa por não ter chegando a tempo de salvá-las. Ele se sente ainda pior por serem crianças e, então, promete a si mesmo fazer justiça. Logo, o assassinato do casal de irmãos, que possivelmente também tiveram os pais assassinados, cria o estopim para uma guerra declarada entre seres humanos e mutantes.

Erik é um dos sobreviventes do Holocausto promovido pelos Nazistas durante a segunda Guerra Mundial, e foi nos campos de concentração da Alemanha que teve os pais mortos, sofreu muita discriminação antes de descobrir seus poderes, motivo pelo qual se apegou ainda mais a causa mutante, defendendo a ideia de que não seria possível a convivência entre seres humanos e mutantes.

Enquanto isso na cidade de Nova York, um reverendo fanático conhecido por William Stryker, cria uma cruzada religiosa formada por seguidores denominados purificadores (grupo paramilitar) com o objetivo de captura e eliminar mutantes, usando textos bíblicos e a mídia (imprensa televisiva) como meio de buscar apoio da população contra a raça mutante.

Stryker possui um passado obscuro, há 30 anos antes de ser tornar um pastor, quando ainda era um sargento do exército americano, durante um fim de turno de trabalho, enquanto viajava para visitar a família com sua esposa, sofreram um acidente na estrada. Imediatamente sua esposa entrou em trabalho de parto, e sozinho no meio do deserto de Nevada, sem ajuda a única opção foi fazer o parto. O que ele não esperava era ter um filho mutante que, na época, só o identificou como um monstro. E em um momento de loucura sacrifica o próprio filho, mata a esposa semi-desacordada, e aproveitando a cena do acidente para ocultar o crime, simula uma explosão eliminando a esposa e o filho.

Naquele momento Stryker achou ter resolvido o que para ele seria um problema, mas devido sua conduta agressiva e o alcoolismo, após um inquérito foi expulso do exército, e interpretou a situação como uma benção de Deus por ter sobrevivido ao acidente, assim decide mudar de vida se tornando um pastor, a partir da criação de uma seita colocando como missão perseguir e eliminar mutantes. Antes de fundar a Cruzada Stryker, o reverendo soube da existência e trabalho do professor Xavier, através de um artigo numa revista, então depois de alguns meses pesquisando, conseguiu identificar que o seu filho na realidade era um mutante, e não um monstro como pensou.

Outro personagem importante dentro da trama é o professor Charles Xavier, mutante com poderes telepáticos e de projeção astral, responsável pela criação da escola Xavier para jovens superdotados, uma mansão que tinha como função acolher jovens mutantes oriundos de todo mundo e ensiná-los a controlar seus poderes, usando-os para o bem. Nessa escola os alunos tinham aulas teóricas e práticas, treinamento de combate, refeições e moradia. Então, quando estivessem preparados, seguiam

suas vidas. À medida que a escola foi evoluindo, alterou o nome para Instituto Xavier para Estudos Avançados. Alguns mutantes preferiam morar na mansão-escola por tempo indeterminado e assim faziam parte da equipe de super-heróis conhecida como *X-men*.

O Reverendo elaborou um plano, cujo objetivo inicial era destruir os *X-men*, equipe original de mutantes liderada por Charles Xavier, pois como o professor e seus alunos já eram bastante conhecidos, e responsáveis por construírem uma boa imagem da raça mutante na sociedade, para Stryker com a eliminação deles, seria mais fácil distorcer essa imagem, e manipular a população contra os outros mutantes, conseguindo mais seguidores.

Xavier e Stryker tiveram seu primeiro conflito intelectual num programa de TV, transmitido ao Vivo nos EUA, no entanto o professor não teve tempo de resposta, e nessa situação o reverendo aproveitou para bombardear de questionamentos o professor, sobre a possível ameaça dos mutantes em relação ao convívio social e político com a população não só americana, mas também a nível internacional. Já que houve um aumento da quantidade de mutantes no mundo.

Inclusive o questionamento sobre as diferenças de genótipo e fenótipo entre um mutante e um ser humano, classificados respectivamente como Homo Superior e Homo Sapiens, e a desvantagens de um homem comparado a um mutante, tanto em relação à força física como aos poderes, já que os humanos são destituídos de tais habilidades. Depois dessa entrevista parte da população ficou em dúvida se realmente não haveria conflitos na convivência com uma raça superior.

No caminho de volta a mansão, o carro do professor Xavier sofre um atentado orquestrado por purificadores do reverendo Stryker, porém é salvo pelas habilidades de sua equipe, mesmo assim é sequestrado junto com os mutantes tempestade e ciclope. Stryker prossegue com seu plano em busca de capturar o resto da equipe, que reage e ataca também para se protegerem, e mesmo com treinamento diário, os *X-men* passam por dificuldades, sofrem ataques contínuos até perderem a chance de reação.

Neste momento Magneto é primordial para os *X-men*, apesar de em outros tempos ter entrado em conflito com a equipe devido às divergências de opinião com Xavier, e seu objetivo de querer conquistar a terra para criar um mundo que não dependesse da raça humana. Ele surge disposto a ajudá-los e, pra isso, não mede forças, pois desde quando conheceu Charles em Israel onde ambos eram voluntários tratando os sobreviventes do Holocausto, deixou bem claro para o professor que não acreditava na coexistência pacífica entre humanos e mutantes, pois como minorias, logo seriam perseguidos como Erik vivenciou. Desse modo, quando os *X-men* mais precisam de ajuda, Magneto aparece e, assim, todos os não capturados vão ao resgate de Xavier e dos outros membros da equipe.

Charles, Ciclope e Tempestade são levados para Cruzada Stryker, uma espécie de quartel general do reverendo, local onde os purificadores faziam experiências e tortura com quem era capturado. Xavier foi drogado, colocado dentro de um tanque de água, com a cabeça presa em um suporte ligado a eletrodos, que estimulava seu córtex cerebral, causando uma lavagem cerebral. Tempestade e Ciclope foram colocados em cápsulas ligadas ao campo mental de Xavier e que neutralizam seus poderes mutantes, assim induziria o professor a usar seus poderes psíquicos contra os membros de sua própria

equipe. Liderados por Magneto, os outros *X-men*: Colossus, Ariel, Wolverine e Noturno, conseguem resgatar Ciclope e Tempestade que, depois de algum tempo desacordados, são despertados por Erik.

Para finalizar seu plano contra os mutantes, Stryker por meio da imprensa organiza um sermão que seria transmitido ao vivo do *Madison Square Garden* num evento que contaria com a presença das principais autoridades políticas dos EUA, além de grupos religiosos e populares. Tal oportunidade havia sido elaborada pelo próprio reverendo que criou o evento para divulgar suas ideias de purificação, colocando de vez a opinião pública contra a raça mutante.

A equipe corre contra o tempo para libertar Charles que, depois da lavagem cerebral feita através da administração de drogas que ampliam a sensibilidade psíquica, passando por um processo de alienação religiosa baseada na distorção de evangelhos do novo testamento, agora acreditava que Deus o redimiu de seus pecados e que, em troca, ele deveria fazer justiça usando seus poderes para identificar, inibir e destruir qualquer mutante.

Striker, sabendo que Magneto e os *X-men* viriam não só ao resgatar do professor, como também tentariam atrapalhar seu plano, assume o controle da mente de Charles através de um dispositivo de sondagem mental acoplado nele e utiliza essa arma para neutralizar qualquer mutante que tivesse dentro e nas proximidades do ginásio. Mas durante o sermão alguns políticos, jornalistas e pessoas no local acharam que Stryker estava muito eufórico ao proferir palavras de senso de justiça e extinção de uma raça, apesar disso a maioria em volta do ginásio o apoiava, se manifestando e levando cartazes que fazia apologia a exterminação dos mutantes. Quando os *X-men* já estavam nas proximidades do ginásio, seguidores de Stryker ativaram o dispositivo de sondagem mental, logo pessoas próximas começaram a desmaiar, até mesmo um senador dentro do ginásio foi afetado, alguns mutantes atingidos pelas ondas mentais, nem mesmo desconfiavam que fossem mutantes.

Magneto se vê impossibilitado de interferir, pois seus poderes também foram bloqueados, nesse momento os *X-men* invadem o ginásio e entram em confronto com um grupo de purificadores, e com o alcance das ondas mentais o reverendo descobre que até uma de suas aliadas era mutante e não hesita em matá-la na frente de todos. Ciclope consegue tirar Xavier do controle mental do reverendo e destruir o aparelho de sondagem. Daí acontece o ponto alto da história, pois Ciclope revela ao público presente e telespectadores, todos os crimes do reverendo incluindo a criação de grupo paramilitar e sua sede de justiça, matando quem entrasse em seu caminho; enquanto Stryker continuava tentando induzir a população a acreditar que os mutantes são aberrações não aceitas por Deus e deveriam ser exterminados.

Em um momento de desespero Stryker perde o controle mais uma vez, então prestes a matar com uma pistola a mutante Ariel, é impedido por um policial que o fere. Assim o conflito é encerrado, o reverendo William Styker e alguns de seus seguidores são presos e ficam a disposição da justiça, o público é liberado do ginásio pela polícia e os *X-men* são inocentados, pois as autoridades presentes concluíram que eles eram vítimas e não culpados.

De volta à mansão X com todos salvos, mais uma vez Magneto convida a equipe e o professor a se aliarem a ele, seguindo sua ideia de criar uma sociedade mutante independente de humanos, atacando se fosse preciso, justificando que já estava cansado de ver mutantes perseguidos e mortos. Por um

momento Charles aceita, mas se emociona e muda sua opinião novamente ao ouvir Ciclope dizer que se voltar contra a sociedade não seria a solução, já que mesmo sendo mutantes eles possuíam em si humanidade, então Magneto respeita a decisão do professor mesmo achando um absurdo, porém promete que se os *X-men* falhassem, ele voltaria.

6 *X-men* e a Solidariedade em Rorty

Quando o professor Xavier criou uma escola para mutantes nos Estados Unidos, os primeiros conflitos foram internos, pois a instituição era formada por jovens mutantes de vários lugares do mundo, e conseqüentemente o convívio com outra cultura, idioma e crenças diferentes, requer um determinado tempo para se adequar ao novo país. Os EUA, no seu processo de colonização, conviveu com vários movimentos racistas e xenófobos, criando vertentes que influenciaram outros grupos no século XX. Essa relação de não aceitação e estranhamento do diferente, um dos temas abordados na HQ, ocorre pela ausência de solidariedade, como conseqüência a sociedade se torna indiferente, se recusando a aceitar seu semelhante. Pois é através da solidariedade que nos importamos com cada um de nós, pelo que temos em comum com os outros, mesmo não havendo parentesco.

Rorty (2007) utiliza o termo Solidariedade humana, para caracterizar o sentimento que difere de crueldade, que é quando o indivíduo passa a ver como rotina o sofrimento das pessoas, perdendo o interesse pelo outro. Enquanto a crueldade afasta a solidariedade aproxima, por conseqüência a máxima da solidariedade seria atingida quando os outros são vistos como um de nós, aqueles com quem nos solidarizamos, no caso quando os *X-men* são hostilizados e encontram alguém com quem se compadeça e/ou se identifica com suas causas.

Nem todos os mutantes apresentam diferenças no seu fenótipo quando comparados a um ser humano, dificultando na identificação, quando não há manifestação de poder, então são muito semelhantes a quem não é, mas quando identificados na maioria das vezes não são aceitos. Nessa perspectiva a HQ através da ficção retrata que os problemas enfrentados pelos mutantes são os mesmo enfrentados por qualquer pessoa como: discriminação racial, xenofobia, homofobia, preconceito social, machismo, dentre outros. No entanto são vistos como uma ameaça de maior proporção, pois suas habilidades criam vantagens em relação ao ser humano.

Por isso, devido às constantes perseguições e enfrentamento entre *homo superior* e *homo sapiens*, existe o constante conflito ideológico entre Magneto, que defende uma raça de mutantes independentes da sociedade humana (mesmo que para alcançar o objetivo, tenha que derramar sangue) e Xavier, que luta pelo convívio entre mutantes e humanos de forma pacífica.

Segundo Rorty (2007) é no período de conflitos e guerras que geralmente as pessoas ficam mais sensibilizadas a dor de seus semelhantes ou não. Quem não se sensibiliza seria visto como cruel, pois nessa pessoa haveria ausência de solidariedade, e para que esse sentimento fosse despertado, precisaria haver um estímulo imaginativo por parte de gêneros narrativos como: reportagem de jornal, etnografia, histórias em quadrinhos e romance, que vão ser úteis para o processo de descrição e redescricao de nós

mesmos.

7 Considerações Finais

A ausência de solidariedade na sociedade cria indivíduos insensíveis e inertes em relação aos problemas enfrentados pelas pessoas. Assim, quando uma pessoa entra em contato com situações de dor, sofrimento, violência, tortura, humilhação ou qualquer outro processo que descaracterize a dignidade humana e, mesmo assim, essas situações vivenciadas por outras pessoas, não a afeta, identificamos essa pessoa como cruel, pois houve a perda de sensibilidade por parte dela.

As consequências de uma sociedade cruel são as guerras, miséria, violência urbana, entre outros conflitos. Por isso Rorty (2007) fala que quando o ser consegue redescrever o mundo, ter uma nova visão em relação ao que lhe cerca, é neste momento que o cotidiano passa a ser visto com mais sensibilidade, por sua vez, as pessoas passam a se solidarizar mais com seu próximo, vivendo além da rotina.

Nesse sentido, o filósofo norte-americano sugere que os gêneros narrativos, dentre os quais as histórias em quadrinhos, podem contribuir decisivamente para chamar nossa atenção para os sofrimentos de pessoas que são consideradas estranhas ao nosso convívio habitual. Para ele, as narrativas ficcionais ou não, como no caso da *graphic novel* analisada que contém nítidas semelhanças com fatos históricos e dramas reais, contribuem para ampliar nossa imaginação e empatia de uma forma que as teorias não conseguem. O resultado disso é um progresso do acréscimo da nossa sensibilidade, na capacidade de nos importar com os outros, de modo que a solidariedade passa a ser exercida de forma cada vez mais ampla e inclusiva. Portanto ser solidário gera benefício mútuo, tanto pra quem exerce o sentimento, como para quem é afetado por ele, daí sua importância para sociedade.

Referências

- BEAZLEY, Mark; YOUNGQUIST, Jeff; BRADY, Matt. **Enciclopédia Marvel**. São Paulo: Panini, 2005.
- CLAREMONT, Christopher; ANDERSON, Brent. **X-men: Deus ama, o homem mata**. São Paulo: Abril, 1988.
- IRWIN, William; HOUSEL, Rebecca; WISNEWSKI, J. Jeremy. **X-men e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2009.
- IRWIN, William; MORRIS, Matt; MORRIS, Tom. **Super-heróis e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2009.
- LUYTEN, Sonia. M. **O que é História em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MARTINS, Jotapê; CARVALHO, Hécio de. **Dicionário Marvel**. Editora Abril, 1985.
- MAZUR, DAN; DANNER, Alexander. O alvorecer da *graphic novel*, a geração raw e os comix punk. In: **Quadrinhos – história moderna de uma arte global: de 1968 até os dias de hoje**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 181-198.
- MOYA, Álvaro de. **História das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. São Paulo: Martins, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Orgs.). **Quadrinhos na Educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p.9-42.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. **A linguagem dos quadrinhos**: estudos de estética, linguística e semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.